

OS DIFERENTES SIGNIFICADOS DA INOVAÇÃO EDUCACIONAL

Autor: Fernando Gomes de Oliveira Tavares

Modalidade: COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA



Resumo

Realiza uma análise acerca do conceito de inovação presente nas pesquisas educacionais. Seleciona e examina um conjunto de vinte e três artigos científicos, indexados em duas bases de dados internacionais (SciELO e Web of Science), publicados no período de 1974 a 2017. Como resultado, percebe que a inovação é entendida sob quatro perspectivas: como algo positivo *a priori*, como sinônimo de mudança e reforma educacional, como modificação de propostas curriculares e como alteração de práticas educacionais costumeiras em um grupo social. Conclui que o conceito de inovação detém uma ampla rede de significados que estão vinculados às diferentes concepções epistemológicas e ideológicas acerca do processo educativo.

Palavras-chave: Inovação. Educação. Inovação educacional

Introdução

O presente trabalho apresenta os resultados de uma investigação dedicada ao seguinte problema: como é empregado o conceito de inovação nas pesquisas educacionais? Os trabalhos publicados, em geral, são relatos que destacam aspectos quantitativos e elegem indicadores de qualidade para avaliar determinadas experiências educacionais (ver, por exemplo, CARBONELL, 2002; CHRISTENSEN, 2002; THURLER, 2001). Dessa forma, não existe um marco de referência teórica suficientemente desenvolvido a respeito da conceituação da inovação em educação que possa orientar a investigação do pesquisador em campo. Cabe a esta investigação a tentativa de elucidar essa questão que se faz presente: de que inovação os trabalhos em educação estão falando?

A opinião pública está se tornando cada vez mais interessada no conhecimento de projetos educacionais inovadores. Discussões estão sendo travadas no âmbito acadêmico em torno dos projetos de inovação educacional e, no Brasil, o assunto tem recebido um acompanhamento dos órgãos públicos¹. No entanto, sabe-se pouco sobre as origens, as características e as concepções desse fenômeno educacional, pois os esforços têm se dirigido mais a difundir e modelizar experiências do que compreendê-las em sua complexidade e integralidade como nos trabalhos de Canário (2004) e Goldberg e Franco (1980)

Apesar do termo inovação ser bastante utilizado no campo educacional, nem sempre os autores explicitam o que estão querendo dizer com isso. Observa-se também a pulverização do termo em diferentes denominações como inovação educativa, educação inovadora, inovação com efeito educativo e, o mais comum e também utilizado na orientação deste trabalho, inovação educacional. Contudo, espera-se com este trabalho enfrentar essa lacuna investigativa ao discutir sobre o estado de conhecimento relativo ao conceito de inovação no âmbito educacional.

¹ Interessado em identificar e conhecer iniciativas de inovação na educação básica, o Ministério da Educação instituiu um grupo de trabalho no ano de 2015 para mapear instituições consideradas inovadoras dentro do território nacional. O resultado está disponível em: <<http://criatividade.mec.gov.br/mapa-da-inovacao>>.

Trata-se de um exame de literatura para o qual foram coletados dados entre setembro de 2017 e março de 2018, em duas bases internacionais: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Web of Science. Foi utilizada a palavra-chave inovação em três idiomas (português, espanhol e inglês) contemplando todos os índices de busca. Não houve restrição de período e definiram-se dois critérios de inclusão: abordar o fenômeno inovação dentro do contexto educacional e definir claramente o conceito de inovação. Após a aplicação desses filtros foram encontrados 56 registros publicados entre os anos de 1974 e 2017. Excluíram-se as referências duplicadas e também aquelas que não se tratavam de artigos originais, mas de editoriais, comentários e resenhas. A seleção final resultou em 23 artigos científicos.

Ao término dessa triagem, realizou-se uma análise minuciosa dos títulos selecionados, a qual gerou um quadro síntese que foi dividido em quatro tópicos: autor/ano, título, objetivo e concepção de inovação. Ao final, partindo das semelhanças em relação à forma como os autores concebem a problemática da inovação, os artigos foram agrupados em quatro categorias de análise: 1) Inovação como algo positivo *a priori*; 2) Inovação como sinônimo de mudança e reforma educacional; 3) Inovação como modificação de propostas curriculares e; 4) Inovação como alteração de práticas educacionais costumeiras em um grupo social. Essa classificação permitiu uma melhor interpretação dos resultados.

O trabalho divide-se em três partes. A primeira traça um breve panorama histórico da inovação dentro do contexto educacional. A segunda parte elucida as diferentes concepções sobre o conceito de inovação. A terceira, e última parte do trabalho, inferi que o conceito de inovação possui uma ampla rede de significados que estão vinculados às diferentes concepções epistemológicas e ideológicas acerca do processo educativo.

Resultados e discussão

Um breve histórico interrompido da inovação no contexto educacional

A ideia de inovação como tem sido engendrada por muitos se originou no ambiente empresarial. A área da produção tecnológica talvez seja uma das mais proeminentes quando se fala nesse assunto, uma vez que nela percebe-se com maior clareza a necessidade de inovar para não perecer no jogo do sistema capitalista. O propósito de analisar-se aqui o desdobramento desse termo dentro do contexto educacional advém do suposto de que a educação, em qualquer dos seus moldes e em qualquer das suas características, só adquire significação quando observada como parte do processo sócio-histórico.

No Brasil e em diversos países do continente europeu, as chamadas experiências inovadoras em educação manifestaram-se, mais intensamente, na década de 1960. Logo após, para promover uma reflexão sobre esse fenômeno, até então pouco expressivo no âmbito acadêmico, surge uma série de trabalhos publicados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) nos anos 70, entre os quais se destacam o livro de Huberman publicado em 1973 “Comment s’opbrent les changements en éducation: contribution à l’étude de l’innovation” e Huberman e Havelock (1977) “Solving educational problem: the theory and reality of innovation in developing countries”.

Outro trabalho, que evidenciou esse período inicial da discussão sobre inovação educacional, foi o artigo publicado pela revista *Interchange* intitulado “Overview of the innovative process and the user” (1972), do canadense Michael Fullan.

Apesar das singularidades apresentadas por essas obras, que marcaram a história da inovação no campo educacional, nota-se uma preocupação comum entre os autores que está associada a uma intenção de generalização de princípios e de criação de modelos experimentais. Dessa forma, perdurou por algumas décadas a concepção de inovação como um processo que poderia ser planejado e controlado desde a sua implementação (GOLDBERG; FRANCO, 1980; MACLEAN, 1992).

O livro “Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas”, publicado em 1980, reuniu textos de vários autores graças à iniciativa da Fundação Carlos Chagas. As três partes do livro discutem as dimensões, os problemas, as características e o futuro das inovações e também examinam alguns casos inovadores no Brasil. A questão central da obra indaga sobre qual seria o objetivo da inovação em um país como o nosso.

Após esse período, parece que as investigações iniciadas nesse campo temático foram interrompidas. Pode-se afirmar que não houve um avanço significativo da discussão acerca dos sentidos e contornos da inovação. Não apareceram outras obras de grande expressão que se propuseram debater sobre as diferentes acepções desse fenômeno dentro do contexto educacional.

Diferentes conceitos de inovação

Este texto se baseou no quadro síntese abaixo, elaborado para averiguar o emprego do conceito de inovação nos artigos científicos presentes na área educacional. A partir dos critérios citados anteriormente, foram selecionados 23 artigos. Esses trabalhos analisados correspondem ao período de publicação de 1974 a 2017. Dois dos quais foram publicados na década de 1970; outros dois na década de 1990; nove artigos foram publicados entre 2000 e 2010 e no período de 2011 a 2017 publicaram-se os outros dez artigos.

Michael Huberman e Michael Fullan tiveram suas obras citadas na maioria dos artigos. Destacaram-se, pelo número de ocorrências, os livros “Comment s’opbrent les changements en éducation: contribution à l’étude de l’innovation”, de Huberman (1973), e “The new meaning of educational change”, de Fullan (1982). Compreende-se a importância desses autores, uma vez que seus trabalhos foram pioneiros, trazendo uma contribuição fundamental ao realizarem um esforço para conceituar a inovação no campo educacional, fenômeno até então ignorado pela comunidade científica.

Embora tais obras tenham se tornado decisivas para incluir a inovação no cenário educacional, os artigos levantados por este trabalho não os adotaram como pilares de suas teorias, ou seja, todos os autores preocuparam-se em elaborar uma definição própria a respeito da inovação educacional. Isso demonstra a ausência de um consenso mínimo da comunidade científica acerca do significado de inovação, fator comum a outros objetos de investigação. Por esse motivo, realizou-se, neste trabalho, uma classificação e agrupamento dos artigos examinados a partir de alguns aspectos interpretativos que os aproximam e os distanciam. Levaram-se em conta critérios de análise como origem, valor e objetivo da inovação. Procurou-se também explicitar a opção sustentada pelos

autores quanto ao enfoque e a importância atribuída à inovação. Essa categorização resultou em quatro grupos: 1) a inovação como algo positivo *a priori*; 2) a inovação como sinônimo de mudança e reforma educacional; 3) a inovação como modificação de propostas curriculares e; 4) a inovação como alteração de práticas educacionais costumeiras em um grupo social.

Quadro 1: Produção bibliográfica sobre inovação educacional selecionada através das plataformas SciELO e Web of Science

Nº do artigo	Autor e ano de publicação	Título do artigo	Objetivo	Concepção de inovação
01	Michel Debeauvais, 1974	The popularity of the idea of innovation: a tentative interpretation of the texts	Analisar a popularização da ideia de inovação educacional	Uma forma de aumentar a eficiência operacional do sistema educacional
02	William Hare, 1978	The concept of innovation in education	Refletir sobre o debate acerca do conceito de inovação em educação	Uma alteração proposital que possui significado e valor
03	Inés Aguerrondo, 1992	La innovación educativa en América Latina: balance de cuatro décadas	Evidenciar as diferenças nos processos de inovação educacional na América Latina	Toda tentativa de romper o equilíbrio rotineiro do processo educativo.
04	Adelson Fernandes Moreira, 1999	Basta implementar inovações nos sistemas educativos?	Apresentar referências para melhor compreender a implementação de mudanças na escola.	Mudança planejada dentro do sistema educacional
05	Graciela Messina, 2001	Mudança e inovação educacional: notas para reflexão	Explicar os diferentes significados que podem ser atribuídos ao conceito de inovação	Inovação como um tipo de mudança intencional, sistemática e autogerada
06	Eleny Mitrulis, 2002	Ensaio de inovação no ensino médio	Examinar casos de inovação ocorridos no ensino médio	Introduzir em determinado meio algo que foi inventado, com o objetivo de melhorar aquilo que existe.
07	Ilma Passos Alencastro Veiga, 2003	Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória?	Discutir o significado de inovação e projeto político-pedagógico	Uma ação que pode ser regulatória ou emancipatória.
08	Vera Lucia Sabongi De Rossi, 2005	Mudança com máscaras de inovação	Refletir sobre as armadilhas conceituais resultantes do par antigo/moderno no jogo dialético da modernidade	Processo de emancipação que procura repensar a estrutura de poder, as relações sociais e seus valores
09	Arturo Barraza Macías, 2005	Una conceptualización comprensiva de la innovación educativa	Analisar o conceito de inovação educacional	Aplicação duradoura de estratégias criativas dos processos de ensino e aprendizagem.
10	Frida Días-Barriga Arceo, 2010	Los profesores ante las innovaciones curriculares	Revisar artigos que tratam sobre inovação curricular nas escolas mexicanas	Mudança profunda nos paradigmas e práticas sociais em uma comunidade concreta
11	Marcelo El Khouri Buzato, 2010	Cultura digital e apropriação ascendente: apontamentos para uma educação 2.0	Construir uma perspectiva para os novos letramentos digitais no campo das discussões correntes sobre inclusão digital e inovação tecnológica	Propostas pedagógicas que utilizam novas tecnologias

12	Pedro Demo, 2010	Rupturas urgentes em educação	Discutir sobre as rupturas necessárias no âmbito da educação	Rompimento das dinâmicas educacionais vigentes
13	Letícia Portieri Monteiro Kátia Stocco Smole, 2010	Um caminho para atender às diferenças na escola	Analisar modificações ocorridas em uma escola judaica do RJ após a implementação do Programa de Inovação Educativa (PIE)	Método de ensino alternativo dentro da educação formal.
14	Preciosa Teixeira Fernandes, 2011	Inovações curriculares: o ponto de vista de gestores de escolas do ensino básico em Portugal	Analisar os discursos de professores/as em exercício de gestão que participaram de projetos educacionais inovadores	Ruptura com situações ou práticas educacionais anteriores
15	Frida Días-Barriga Arceo, 2012	Reformas curriculares y cambio sistémico: una articulación ausente pero necesaria para la innovación	Estudar as principais inovações curriculares vinculadas aos processos de reforma curricular empreendidos no México	Mudança profunda nos paradigmas e práticas sociais em uma comunidade concreta
16	Elie George Guimarães Ghanem Júnior, set.2012	Inovação educacional em pequeno município – o caso Fundação Casa Grande (Nova Olinda, CE, Brasil)	Examinar os fatores que se conjugam na geração de ações de inovação educacional (Fundação Casa Grande)	Práticas educacionais que se distinguem de outras que são costumeiras em determinado grupo social
17	Roeland Hofman Jan de Boom Marieke Meeuwisse Adrian Hofman, out.2012	Educational Innovation, Quality, and Effects: An Exploration of Innovations and Their Effects in Secondary Education	Compreender o funcionamento da inovação na educação secundária	Mudanças substanciais com a introdução de novos tipos de aprendizagem
18	Elie George Guimarães Ghanem Júnior, jun.2013	Inovação em escolas públicas de nível básico: o caso Redes da Maré (Rio de Janeiro, RJ)	Examinar os fatores que se conjugam na geração de ações de inovação educacional (Redes da Maré)	Práticas educacionais que se distinguem de outras que são costumeiras em determinado grupo social
19	Elie George Guimarães Ghanem Júnior, dez.2013	Inovação em educação ambiental na cidade e na floresta: o caso Oela	Examinar os fatores que se conjugam na geração de ações de inovação educacional (Oela)	Práticas educacionais que se distinguem de outras que são costumeiras em determinado grupo social
20	Carlos Marcelo, 2013	Las tecnologías para la innovación y la práctica docente	Analisar a escola como uma inovação da tecnologia espacial	Processo de mudança amparado pela inclusão de novos aparatos tecnológicos no ambiente escolar
21	Arnaldo Nogaro Claúdia Battestin, 2016	Sentido e contornos da inovação na educação	Debater sentidos e conotações do conceito de inovação educacional	Recriar ideias pedagógicas
22	Francisco Leal-Soto Mario Albornoz Hernández Maria Isabel Rojas Parada, 2016	Liderazgo directivo y condiciones para la innovación en escuelas chilenas: el que nada hace, nada teme	Discutir sobre a relação entre liderança e inovação no contexto educacional chileno	Processo complexo e colaborativo que diz respeito à seleção, organização e uso criativo de elementos de gestão institucional, curricular e didática, geralmente em resposta a um problema ou necessidade.
23	Nathalie Carrier, 2017	How educational ideas catch on: the promotion of popular education innovations and the role of evidence	Explorar as técnicas de persuasão utilizadas em documentos que tratam das inovações educativas populares de diferentes tipos	Ideias, práticas, produtos e serviços que mudam o sistema em que são introduzidos

A inovação esteve relacionada a algo positivo *a priori* em sete estudos (artigos: 1, 6, 7, 9, 13, 22, 23). A adoção da inovação como panaceia para os problemas educacionais e a introdução de estratégias originais para melhorar as práticas educacionais vigentes, foram outros dois fatores que aproximaram esses trabalhos. Observou-se também que os autores foram guiados por uma lógica indutiva na construção dos seus artigos, isto é, analisaram experiências particulares e teorizaram sobre estas.

Mitrulis (2002), teve como objetivo o exame de casos de inovação ocorridos no ensino médio, pode-se notar uma noção de inovação como algo que deve ser introduzido em determinado meio com o objetivo de melhorar as atividades ali existentes. Nos casos avaliados pela autora, foram priorizadas questões referentes à gestão escolar, ao trabalho coletivo e à articulação com agências externas para a constituição de projetos educativos. Para Mitrulis, as inovações devem ser produzidas pelos atores em seu cotidiano e precisam estimular o protagonismo dos jovens envolvidos com a instituição de ensino. Esse posicionamento do pesquisador aponta uma separação entre a lógica da reforma e a lógica da inovação, onde afirma que a primeira é resultado da ação própria das autoridades e a segunda está reservada ao exercício dos agentes educacionais mais próximos da base do sistema escolar. No entanto, mesmo admitindo essa divisão, o artigo demonstrou uma incoerência ao ambicionar “colaborar com a formulação de políticas de apoio e de orientação às escolas” (p. 217), o que atribuiu um aspecto prescritivo ao conceito de inovação, no qual procurou se afastar.

De posse da mesma preocupação com a lógica reformista da inovação, Veiga (2003) procurou discutir o significado de inovação sob duas perspectivas: como uma ação regulatória e como uma ação emancipatória. Segundo a autora, a inovação de cunho regulatório dispõe de um caráter normativo e autoritário, reside dentro de uma lógica cognitiva-instrumental e se preocupa em padronizar e controlar burocraticamente os mecanismos inovadores. Trata-se de um “conjunto de ferramentas (diretrizes, formulários, fichas, parâmetros, critérios etc.) proposto em nível nacional” (p. 271). Já a inovação emancipatória, é concebida como uma ação que ultrapassa as questões meramente técnicas, que conta com uma maior articulação com os saberes locais e que deslegitima as forças institucionais. Na acepção de Veiga, falar sobre inovação só tem sentido se a preocupação fundamental for melhorar a qualidade da educação para que “todos aprendam mais e melhor” (p. 268). Tal afirmação sustenta a crença da pesquisadora na função positiva intrínseca das práticas inovadoras.

Preocupados com a construção de novos elementos para serem utilizados no ensino, os artigos “Una conceptualización comprensiva de la innovación educativa” (MACÍAS, 2005), “Liderazgo directivo y condiciones para la innovación en escuelas chilenas: el que nada hace, nada teme” (LEAL-SOTO; HERNANDEZ; PARADA 2016) e “Um caminho para atender as diferenças na escola” (MONTEIRO; SMOLE 2010) adotaram a inovação como um processo que diz respeito à aplicação de estratégias criativas em resposta a determinadas necessidades originadas no contexto escolar. Em ambos a inovação é um modelo centrado na resolução de problemas, ou seja, um conjunto de procedimentos que devem ser executados de modo a alcançar uma melhora da situação preexistente. Os autores associam essa visão positiva ao sentido etimológico do

termo inovação (*innovare*) que deriva da palavra novo (*novus*), onde a novidade se sobrepõe àquilo que está ultrapassado gerando um aperfeiçoamento.

Dissociando-se dessa visão que busca encontrar um modelo inovador ideal e com um objetivo de explorar as técnicas utilizadas em documentos que tratam de inovações educativas populares, a Carrier (2017) e Debeauvais (1974) concebem a inovação como uma estratégia para aumentar a eficiência operacional do sistema educacional em que são introduzidos. Nesse sentido, para esses autores, a inovação não é apenas algo novo, mas algo que se melhora e que necessita apresentar resultados de tal melhoria. O que implica, na prática, seguir um caminho que se fundamenta no controle e avaliação de ações inovadoras. Resumindo, percebe-se que dentro dessa abordagem só será considerado inovador aquilo que obtiver resultados positivos segundo os objetivos definidos por uma apreciação daqueles que controlam o processo.

Uma segunda categoria de interpretação, é a inovação como sinônimo de mudança e reforma educacional. Esse tipo de compreensão esteve presente em cinco estudos analisados (artigos: 4, 5, 12, 17, 21). A inovação educacional foi tratada nesses trabalhos pelo emprego alternado, mas com o mesmo propósito explicativo, dos termos mudanças e reforma. Ao contrário dos autores apresentados pela primeira categoria de análise, estes assumiram uma visão mais crítica a respeito do processo de inovação, ao não adotarem um valor positivo ou negativo de antemão. Outro aspecto relevante reside no fato que ambos autores reconheceram as inovações nas escolas como detentoras de um caráter complexo e, por isso, decidiram interpretá-las como um processo e não como um evento.

Três trabalhos definiram a inovação como uma mudança dentro do sistema educacional. O primeiro é o de Moreira (1999) que investigou a implementação de mudanças na escola. O segundo é de Hofman, Boom, Meeuwisse e Adrian Hofman (2012) que buscou compreender o funcionamento da inovação na educação secundária. E o terceiro trabalho é o dos autores Nogaro e Battestin (2016) que procurou debater os possíveis sentidos e conotações do conceito de inovação na prática educativa.

Já dois artigos conceberam a inovação como um tipo de reforma que rompe com as dinâmicas educacionais vigentes. O primeiro, é o trabalho de Demo (2010) que discutiu sobre as transformações necessárias dentro do sistema educacional. O segundo é o de Messina (2001) que explicou sobre os diferentes significados que podem ser atribuídos ao conceito de inovação.

A inovação, tanto na esfera da mudança como na esfera da reforma, foi classificada, pelos artigos, de diferentes modos (pedagógica, institucional, imposta, voluntária). No entanto, apresentaram uma preocupação de origem comum: os efeitos da inovação no nível macro. Tais efeitos apareceram relacionados à criação de novas ideias pedagógicas, materiais didáticos, tecnologias de informação, técnicas de ensino e diversas alterações do ambiente escolar. Nessa perspectiva, a inovação educacional se coloca como uma estratégia que parte do centro do sistema escolar, logo, um mecanismo a mais de ordenação pedagógica e social.

Dentro de uma terceira via analítica, tem-se a inovação percebida como uma modificação de propostas curriculares, que esteve presente em seis artigos (8, 10, 11, 14, 15, 20). Por currículo, entende-se aqui, na sua acepção mais

comum, que é a organização de experiências de aprendizagem realizada para conduzir um processo educativo.

Nesse âmbito, De Rossi (2005) refletiu sobre as armadilhas conceituais resultantes da associação da noção de antigo e moderno perante a dialética da modernidade. A partir de uma perspectiva marxista, ela define inovação como um processo de emancipação que procura repensar a estrutura de poder, as relações sociais e seus valores. Segundo a autora, a inovação educacional apoia-se sobre uma modernização educativa que compreende o “conjunto de estratégias adotadas por distintas instâncias e centros de poder para racionalizar os sistemas educativos” (p. 943).

Os dois artigos de Días-Barriga Arceo (2010, 2012) trataram das inovações curriculares empreendidas nas escolas mexicanas. De acordo com a autora, a inovação se caracteriza por ser uma mudança profunda nos paradigmas e práticas sociais em uma comunidade concreta. Para que isso aconteça, a pesquisadora defende que as práticas curriculares sejam desenvolvidas através da participação ativa dos professores.

Sob essa mesma concepção de inovação como uma ruptura profunda de situações ou práticas educacionais anteriores, porém sob o ponto de vista do gestor como agente central desse processo, apresenta-se o artigo de Fernandes (2011). Ela analisou as políticas curriculares do ensino básico em Portugal no período de 1997 a 2006. Fernandes revelou que a descontinuidade dessas políticas é um fator que impede a construção de práticas de inovação curricular.

Perante as constantes alterações das políticas e a mudança permanente de direção a que são abruptamente sujeitos, os professores reconhecem “não valer a pena” os investimentos feitos na construção de processos de gestão curricular e expressam desejo de voltar ao modelo de “escola tradicional”. Subjacente a esse desejo está também a ambição em ganharem “de novo” a centralidade e a autoridade que admitem terem “perdido”. (p. 206)

Numa perspectiva da inovação curricular amparada pelo uso de novos aparatos tecnológicos no ambiente escolar, estão relacionados os artigos de Buzato (2010) e Marcelo (2013). Nos dois estudos a inovação foi entendida como um processo que inclui produtos e atividades técnicas como propostas pedagógicas. Inovar, nesse caso, é uma invenção vinculada ao desenvolvimento tecnológico nas escolas e que está condicionada, em grande medida, ao desenvolvimento econômico. Em todo caso, os autores permitem um certo nível de interpretação que demonstra a confiança na operacionalização de ferramentas para a regularização do papel dos agentes educacionais, como se fosse uma forma de legitimação profissional através da técnica. As novas tecnologias simbolizam para eles, com grande propriedade, o que a inovação representa para o mundo corporativo, onde inovar é permanecer vivo e não inovar é perecer.

Por fim, apresenta-se uma quarta categoria interpretativa que concebeu a inovação como uma alteração de práticas educacionais costumeiras em um determinado grupo social. Essa perspectiva foi exposta em cinco pesquisas de três diferentes autores (artigos: 2, 3, 16, 18, 19). Esses autores distanciaram-se de todos os aspectos estabelecidos pelos outros trabalhos analisados acima. Eliminaram a crença no valor positivo da inovação. Apresentaram argumentos para distinguir inovação, mudança e reforma. Assumiram a inovação como uma

atividade comparativa realizada em um determinado contexto. E não se restringiram ao exame da inovação apenas no campo das práticas de ensino, mas examinaram as condutas de diferentes agentes que compõem o processo educacional.

Hare (1978) e Aguerro (1992) problematizaram, com o apoio de vários autores, a definição de inovação, notadamente no que tange, ao caráter universal, ou não, de seus preceitos. Subjaz a discussão exibida nestes dois textos a inovação pensada como uma alteração proposital que possui significado e valor. A afirmação de que a inovação detém um valor, como salientam os autores, não deve ser confundida com a afirmação de que envolve um julgamento de valor, pois podemos dizer que X é significativamente diferente de Y sem dizer que é melhor ou pior do que Y. Outro aspecto relevante apontado pelos pesquisadores é o fato de que as inovações são produzidas nas instituições de educação formal ou não formal por iniciativa dos tomadores de decisão locais, independente das autoridades responsáveis pelo sistema educativo. Tais inovações, segundo eles, diferem em vários aspectos daquelas alterações que são projetadas para serem seguidas por reformas educacionais em nível nacional.

Seguindo essa mesma vertente que faz questão de ressaltar a diferença escalar entre inovação, mudança e reforma, apresentam-se os três artigos de Ghanem Junior (2012, 2013a, 2013b). Para o autor “a mudança educacional deve ser o produto da convergência de práticas advindas de duas lógicas de ação diferentes: a da inovação educacional e da reforma educacional” (p. 104). O pesquisador também alerta para os objetivos das inovações que não são necessariamente os do sistema educacional do qual fazem parte, pois não procuram necessariamente melhorar o funcionamento do sistema, mas buscam um tipo diferente de educação. Por esse motivo, muitas vezes, estão em conflito com o sistema.

A lógica da inovação educacional orienta práticas que estão situadas na base de sistemas escolares, às vezes em estabelecimentos individualmente considerados e outras vezes em organizações locais entendidas como associações comunitárias. Ao seguirem a lógica da inovação, as práticas educacionais se diferenciam do que costuma ser praticado junto a determinado grupo social em determinado lugar. Assim sendo, a inovação não se distingue por qualquer qualidade original, antes, porém, está marcada por sua diferença em relação ao que é costumeiro (GHANEM, 2012, p. 104-105).

Nesta leitura, não está implícito no termo inovação que uma prática educacional é bastante original na forma como uma primeira descoberta científica é. O posicionamento defendido é de que o termo inovação deve ser usado de forma comparativa. Assim, foi inovador na história recente da escolaridade quando professores e alunos começaram a se deslocar da sala de aula para a comunidade, embora isso tenha sido feito antes em outros contextos. Entretanto, pode ser julgado aqui como suficientemente diferente de um padrão de instrução que se tornou arraigado. A acupuntura, por exemplo, quando aprovada, consistiu em uma inovação na prática médica ocidental, embora seja uma prática oriental milenar.

Conclusão

Percebe-se que a inovação, muitas vezes empregada indeliberadamente, é assumida nos artigos analisados como um valor positivo *a priori*, como sinônimo de reforma e mudança, como transformação de propostas curriculares e como alteração de práticas costumeiras em um determinado grupo social. À vista disso, conclui-se que o conceito de inovação em educação detém uma ampla rede de significados que estão vinculados às diferentes concepções epistemológicas e ideológicas acerca do processo educativo.

Soma-se a esse fato o grande número de pesquisas que não definem claramente o que estão apontando como inovação e a preponderância dos artigos que associam a inovação como um fim em si mesmo e como algo positivo para os problemas educacionais complexos. Essa vertente explicativa sobrepõe-se àquela que enxerga a inovação como uma atividade que pertence a base do sistema escolar e que não vê razão para que as pesquisas atribuam um julgamento positivo ou negativo *a priori* ao termo.

A discussão sobre inovação educacional deveria ser intensificada no contexto brasileiro, considerando que muitos trabalhos apresentam uma linguagem extremamente técnica e demonstram uma tendência a entender a inovação como um processo administrativo, desconsiderando a importância do quadro social, cultural, histórico e político em que operam todas as inovações. Pode-se notar que os empenhos têm se dirigido mais a difundir e modelizar experiências do que compreendê-las em sua complexidade e integralidade no âmbito dos atores, processos, relações, dinâmicas, resistências, dilemas, conflitos e contradições.

Mesmo constatando a fragilidade teórica acerca do conceito de inovação, convém ressaltar que, como limitação deste estudo, buscou-se, por meio de uma seleção de artigos, apenas identificar o conceito de inovação e seus principais usos em trabalhos que versam sobre educação, motivo pelo qual não se apontaram reformulações aprofundadas sobre o objeto investigado.

Referências

AGUERRONDO, Inés. La innovación educativa en América Latina: balance de cuatro décadas. **Perspectivas**, Genebra, v. 22, n. 83, p. 379-394, out. 1992. Disponível em: <<https://goo.gl/avdZNE>>. Acesso em: 09 out. 2017.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Cultura digital e apropriação ascendente: apontamentos para uma educação 2.0. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 283-304, dez. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/gdhdfE>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

CANÁRIO, Rui. Uma inovação apesar das reformas. In: CANÁRIO, Rui; MATOS, Filomena; TRINDADE, Rui (Org.). **Escola da Ponte**: um outro caminho para a Educação. São Paulo: Editora Didática Suplegraf, 2004.

CARBONELL, Jaime. **A aventura de inovar**: a mudança na escola. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CARRIER, Nathalie. How educational ideas catch on: the promotion of popular education innovations and the role of evidence. **Educational Research**, Londres, v. 59, n. 2, p. 228-240, jun. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/twwfjn>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

CHRISTENSEN, Clayton. **The innovator's dilemma**. Harvard: Harper Collins Publishers, 2002.

DE ROSSI, Vera Lúcia Sabongi. Mudança com máscaras de inovação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 935-957, out. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a11.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2017.

DEBEAUVAIS, Michel. The popularity of the idea of innovation: a tentative interpretation of the texts. **Prospects**, Genebra, v. 4, n. 4, p. 494-502, 1974. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=EJ113360>>. Acesso em: 22 out. 2017.

DEMO, Pedro. Rupturas urgentes em educação. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, p. 861-872, out/dez 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n69/v18n69a11.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

DÍAZ-BARRIGA ARCEO, Frida. Los profesores ante las innovaciones curriculares. **Revista Iberoamericana de Educación Superior**, Cidade do México, v. 1, n. 1, p. 37-57, 2010. Disponível em: <<https://ries.universia.net/article/viewFile/32/91>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

DÍAZ-BARRIGA ARCEO, Frida. Reformas curriculares y cambio sistémico: una articulación ausente pero necesaria para la innovación. **Revista Iberoamericana de Educación Superior**, Cidade do México, v. 3, n. 7, p. 23-40, 2012. Disponível em: <<https://ries.universia.net/article/view/80/266>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

FERNANDES, Preciosa Teixeira. Inovações curriculares: o ponto de vista de gestores de escolas do ensino básico em Portugal. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 181-210, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a09.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

FULLAN, Michael. Overview of the innovative process and the user. **Interchange**, Ontário, v. 3, n. 2, p. 1-46, jun. 1972. Disponível em: <<https://link.springer.com.ez67.periodicos.capes.gov.br/journal/10780>>. Acesso em: 21 out. 2017.

FULLAN, Michael. **The new meaning of educational change**. New York: Teachers College Press, 1982.

GHANEM JÚNIOR, Elie George Guimarães. Inovação educacional em pequeno município – o caso Fundação Casa Grande (Nova Olinda, CE, Brasil). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 123-124, set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v28n3/a05v28n03.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

GHANEM JÚNIOR, Elie George Guimarães. Inovação em escolas públicas de nível básico: o caso Redes da Maré (Rio de Janeiro, RJ). **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 123, p. 425-440, jun. 2013a. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302013000200006>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

GHANEM JÚNIOR, Elie George Guimarães. Inovação em educação ambiental na cidade e na floresta: o caso Oela. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 150, p. 1004-1025, dez. 2013b. Disponível em: <<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/44523>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo; FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Inovação educacional**: um projeto controlado por avaliação e pesquisa. São Paulo: Cortez & Moraes; Fundação Carlos Chagas, 1980.

HARE, William. The concept of innovation in education. **Educational Theory**, Illinois, v. 28, n. 1, p. 68-74, 1978. Disponível em: <<https://goo.gl/u58RTz>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

HAVELOCK, Ronald; HUBERMAN, Michael. **Solving educational problem: the theory and reality of innovation in developing countries**. Paris: UNESCO, 1977.

HOFMAN, Roelande; BOOM, Jan de; MEEUWISSE, Marieke, HOFMAN, Adrian . Educational innovation, quality, and effects: an exploration of innovations and their effects in secondary education. **Educational Policy**, Califórnia, v. 27, n. 6, p. 843-866, out. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0895904811429288>>. Acesso em: 16 out. 2017.

HUBERMAN, Michael. **Comment s'opbrent les changements en éducation: contribution à l'étude de l'innovation**. Paris: UNESCO, 1973.

LEAL-SOTO, Francisco; HERNÁNDEZ, Mario Albornoz; PARADA, Maria Isabel Rojas. Liderazgo directivo y condiciones para la innovación en escuelas chilenas: el que nada hace, nada teme. **Estudios pedagógicos**, Valdivia, v. 42, n. 2, p. 193-205, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/cCRsnB>> Acesso em: 08 fev. 2018.

MACÍAS, Arturo Barraza. Una conceptualización comprehensiva de la innovación educativa. **Innovación educativa**, Cidade do México, v. 5, n. 28, p. 19-31, set./out. 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179421470003>>. Acesso em: 21 out. 2017.

MACLEAN, Rupert. Innovaciones y reformas escolares en los países en desarrollo de Asia. **Perspectivas**, Genebra, v. 22, n. 83, p. 395-408, out. 1992. Disponível em: <<https://goo.gl/avdZNE> >. Acesso em: 09 out. 2017.

MARCELO, Carlos. Las tecnologías para la innovación y la práctica docente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p. 25-47, 2013.

Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n52/03.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2018.

MESSINA, Graciela. Mudança e inovação educacional: notas para reflexão. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 225-233, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a10n114.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

MITRULIS, Eleny. Ensaios de inovação no ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.116, p. 217-244, jul. 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/PfwTrh>>. Acesso em: 22 out. 2017.

MONTEIRO, Letícia Portieri; SMOLE, Kátia Stocco. Um caminho para atender às diferenças na escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 357-371, jan./abr. 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/SzZXMx>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MOREIRA, Adelson Fernandes. Basta implementar inovações nos sistemas educativos? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 131-145, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v25n1/v25n1a10.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

NOGARO, Arnaldo; BATTESTIN, Cláudia. Sentido e contornos da inovação na educação. **Holos**, Natal, v. 2, p. 357-372, abr. 2016. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3097>>. Acesso em: 16 out. 2017.

THURLER, Monica Gather. **Inovar no interior da escola**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória?. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dez. 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/xjkems>>. Acesso em: 09 out. 2017.